

Ministério da Cultura e
Instituto Cultural Vale
apresentam

III *fli*tabira

**“O futuro é ancestral” é a frase
que ressoa no encerramento da
terceira edição do Flitabira**

O passado, o presente e o futuro da literatura se encontraram no Festival
que reuniu mais de 100 autores em sua programação de 2023





Foto de Felipe Abras

As seis lições de Afonso Borges

Texto de José Manuel Diogo para o *Jornal de Notícias* de Portugal

No palco da cultura, onde a arte e a sociedade se entrelaçam, Portugal encontra-se num momento de reflexão e reinvenção. Neste contexto, práticas de gestão cultural no Brasil são modelo a seguir.

Afonso Borges, produtor cultural, criador do projeto "Sempre Um Papo" e dos festivais literários brasileiros "Fli" (Itabira, Paracatu e Araxá), pratica nas suas realizações uma abordagem tão holística quanto inovadora, alinhando cultura, inclusão e diálogo.

A primeira lição é inclusão e acessibilidade, tornando a cultura palpável para todos, independentemente da sua localização ou status socioeconómico.

Segunda. Interdisciplinaridade. Esta é outra esfera onde Borges brilha. Os seus projetos apresentam uma "tecitura" onde literatura, música e debates públicos coexistem, criando um mosaico cultural rico e diversificado.

Terceira. Construção de parcerias estratégicas. Colaborando tanto com instituições públicas quanto privadas, este modelo colaborativo é um caminho que Portugal precisa de trilhar para ampliar o alcance e o impacto dos seus projetos culturais.

Quarta. Abraçar a tecnologia. Em um Mundo cada vez mais digital, a adaptação às novas tecnologias - uma das fortes vertentes dos seus projetos - é essencial. O uso eficaz dos média digitais para promover eventos culturais e engajar um público mais amplo é um passo necessário na direção de um cenário cultural mais inclusivo e globalizado.

Quinta. Sustentabilidade financeira é outro aspeto crucial. Apenas equilibrando habilmente a captação de recursos com a autonomia financeira que advém das parcerias estratégicas se assegura a longevidade dos projetos culturais.

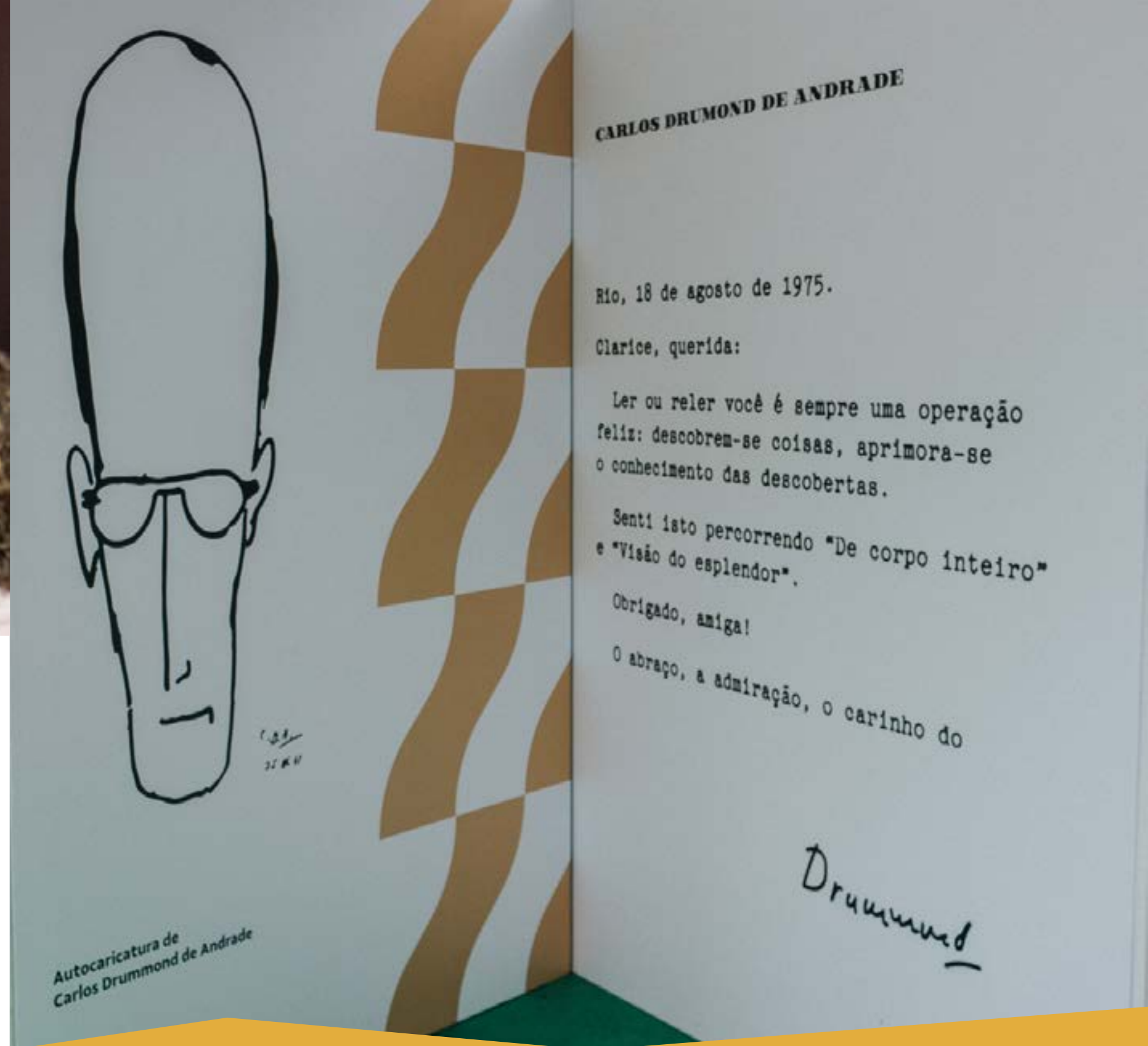
Sexto. Educação e formação de público. É essencial incorporar essa perspetiva para cultivar uma nova geração de apreciadores da cultura, garantindo que a riqueza cultural dos projetos perdure intergeracionalmente.

1, 2, 3, 4, 5, 6. É isso.

Nas cartas que escrevo costuma insinuar-se o rascunho da grande carta (grande? Ou conterà só duas linhas?), mas bem sei que não adianta rascunhar o que não pode ser previsto e menos ainda planejado. Ou a carta se faz espontaneamente na brancura da folha, tão imperativa que só me resta assiná-la ou todo o meu empenho literário de reunir as expressões mais adequadas resultará na caricatura de um documento que independe de estilização e mesmo a repele. A correspondência da vida inteira torna-se o esboço inútil de uma única peça postal que não tenho aptidão para compor, e não me é ditada, mas que exige ser escrita.

Estamos nisto, eu e a minha carta, já concreta, palpável, legível de tão imaginada: em sua plenitude branca".

Carlos Drummond de Andrade, "Projeto de Carta", Os dias lindos



Autocaricatura de Carlos Drummond de Andrade

O Instituto Cultural Vale patrocina o Flitabira desde sua primeira edição por acreditar que a Literatura pode criar oportunidades de transformação de vida, de imaginar e de recriar outros mundos. Ao longo destes anos, o Festival nos permitiu vivenciar toda a inspiração literária de Itabira também nas praças, nas escolas, através de prêmios de redação e doação de livros, e, ainda, na casa das pessoas através de sacos de pão com poesias impressas.

O Flitabira promove a circulação de diversas ideias e visões de mundo; cria oportunidades e possibilidades que transformam a cidade de Itabira a cada edição.

É especialmente simbólico celebrar a cultura e a literatura na cidade do nascimento de Drummond e que, também, é berço da Vale. Itabira é uma cidade que inspira a Literatura pela sua história. E o protagonismo desse Festival é da própria cidade, de seus moradores, é de Drummond.

Poucos poetas brasileiros aproveitaram tanto a correspondência em sua obra como Drummond. E, por suas muitas cartas enviadas a amigos,

familiares e, também, desconhecidos, revela-se um vasto mundo de leituras e releituras de sua obra e de sua vida.

Foi através delas que o Flitabira trouxe, em sua terceira edição, diversos encontros - entre amigos de longa data, leitores e seus autores favoritos, histórias. Foi, também, cenário para novos encontros motivados pelo amor aos livros. Deles circulam ideias e visões de mundo, que, por sua vez, geram novos aprendizados e descobertas, como um organismo vivo.

O Flitabira valoriza a memória, a identidade e a cultura de Itabira através das páginas dos livros, das cartas, e-mails, mensagens e por toda a parte.

Onde tem Cultura, a Vale está.
Instituto Cultural Vale

Balanço do III Flitabira mostra programação diversa e inclusiva

Texto de *Letícia Finamore*

Após 5 dias de intensa programação, 167 atividades completaram a 3.ª edição do Festival Literário Internacional de Itabira, o Flitabira, que tem patrocínio do Instituto Cultural Vale, via Lei de Incentivo à Cultura, a Lei Rouanet, do Ministério da Cultura, com o apoio da Prefeitura de Itabira e União Brasileira de Escritores – UBE.

Destrinchada, a programação contemplou 33 mesas de debates nacionais, 17 locais, 11 virtuais, 20 espetáculos infantis e 85 sessões de

autógrafos. Para conferir o Festival, cerca de 26 mil pessoas passaram pela estrutura montada no Centro Histórico, entre os dias 31/10 e 5/11. O tema do III Flitabira foi “Arte, Literatura e Correspondências”, celebrando a importância das cartas trocadas entre Carlos Drummond de Andrade e escritores, familiares e amigos. E tudo, absolutamente tudo, disponível imediatamente no Youtube @flitabira, com libras e autodescrição.



Foto de Kevern Willian

Na programação internacional, três autores marcaram presença: a argentina Raquel Cané e o português José-Manuel Diogo. A programação regional do III Flitabira trouxe 14 mesas para o Festival, das quais cinco abordaram o tema central do evento, as epístolas drummondianas. As demais mesas de debate trataram temáticas como mulheres

na literatura, inclusão, arte e cidade, literatura marginal, religiosidade e fé e a história da cidade de Itabira. Uma das atrações regionais foi Maxsandro Soares, professor dos três alunos que subiram ao pódio do Prêmio de Redação do Flitabira na categoria 3, que agracia estudantes entre 15 e 18 anos.

Quanto à premiação, considerado um dos principais momentos do Festival, 22 escolas aderiram à proposta, da rede pública e privada da Educação Infantil, Ensino Fundamental 1 e 2 e Ensino Médio. No total, cerca de 9 mil e duzentos estudantes estiveram envolvidos e puderam participar do concurso.



Foto de Felipe Abras

Promovido em parceria com o Sesc-SP, o Flitabira apresenta um ciclo de debates que discorre acerca da obra epistolar de Carlos Drummond de Andrade, em consonância com o tema desta edição do Festival, “Arte, Literatura e Correspondências”. No total, onze mesas de debate foram realizadas, com um total de treze autores – onze homens e duas mulheres – todas com mediação de Fábio

Lucas, membro da Academia Pernambucana de Letras, fundador do @livronewsnoinsta, colunista do Jornal do Commercio (PE) e Presidente do Conselho Editorial da Cepe. Os vídeos do Ciclo de Debates “A obra epistolar de Carlos Drummond de Andrade” estão todos disponíveis no YouTube e podem ser conferidos no canal do Flitabira.

Mais de 60 pessoas compuseram as equipes de produção, comunicação e audiovisual. Indo além, foram feitas 51 contratações para equipe de montagem, limpeza, segurança, brigada, alimentação, livraria e afins, totalizando mais de 110 contratações diretas e indiretas.



Foto de Felipe Abras

A estrutura englobou dois palcos, uma ampla livraria, áreas de leitura e lazer, em um espaço coberto de quase 900 m2, isso sem contar a parte descoberta do Flitabira, que englobou a área destinada à gastronomia. Para a livraria, coração do Festival, foi montado um

espaço de 244 m2 dedicados à venda de livros no Flitabira, com cerca de 15 mil exemplares disponíveis, incluindo mais de 4 mil títulos literários, abrangendo diversos gêneros, como romance, poesia, ensaio, aventura, terror, crônica, biografia, infantojuvenil, entre outros.

Houve comercialização considerável das obras de Carlos Drummond de Andrade, patrono do Festival. Em uma lista de obras e autores mais vendidos ao longo dos cinco dias do III Flitabira, divulgada aqui, Conceição Evaristo liderou o número de vendas.





Foto de Keven Willian

A maior parte dos recursos aportados para o Flitabira, proveniente do Instituto Cultural Vale, via Lei Federal de Incentivo à Cultura do Ministério da Cultura, a Lei Rouanet, é investida diretamente na cidade de Itabira. Isso ocorre por meio de contratações, geração de empregos, repasses diretos e outras formas de apoio.

O Flitabira desempenha um papel de grande relevância na economia da cidade de Itabira. O Festival atrai um grande número de visitantes de diversas regiões, que se deslocam até o evento. Esses visitantes têm um

impacto econômico positivo na cidade, uma vez que consomem produtos e serviços locais, como hospedagem, alimentação, transporte e compras.

Durante o período do Festival, há um aumento expressivo na demanda por esses serviços, o que beneficia diretamente os estabelecimentos comerciais e prestadores de serviços da região. Hotéis, pousadas, restaurantes, cafés e lojas em geral experimentam um aumento nas vendas e na ocupação, impulsionando a economia local.



Foto de Felipe Abras

Além disso, o Flitabira também desempenha um papel importante na valorização da cultura e do patrimônio da cidade. Ao destacar a literatura e a história locais, o Festival incentiva o turismo cultural, atraindo pessoas interessadas em conhecer e explorar as riquezas patrimoniais de Itabira. Isso não apenas gera receita direta para os pontos turísticos locais, como também fortalece a imagem da cidade como um destino cultural e turístico.

São diversas as maneiras pelas quais o Flitabira impacta na economia local: promovendo a cultura, impulsionando o turismo, estimulando o comércio, valorizando a produção cultural local e contribuindo para o desenvolvimento socioeconômico da cidade de Itabira, tudo isso em paralelo aos projetos de valorização e integração com a comunidade.

A emoção transborda como as águas de um rio na noite de entrega do Troféu Juca Pato para Conceição Evaristo no Flitabira

Texto de Gabriel Pinheiro

Um dos momentos mais aguardados pelo público neste Festival Literário Internacional de Itabira – Flitabira – aconteceu neste sábado (4/11), no Palco CDA: a entrega do Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano para a escritora mineira Conceição Evaristo. A noite foi aberta pelo diretor e curador do Flitabira, Afonso Borges, que recebeu o Presidente da União Brasileira dos Escritores – UBE – Ricardo Ramos Filho.



Foto de Keven Willian

Ricardo destacou: **"As lindas mãos pretas da enorme escritora que fala por sua gente, seus irmãos e seu povo. Essas mãos recebem o prêmio Juca Pato. Muito justo. Viva o Juca Pato, Viva a UBE, Viva o Flitabira, Viva a Conceição Evaristo!"** Na sequência, uma emocionante mensagem em vídeo do Padre Júlio Lancellotti, último vencedor do Troféu Juca Pato, foi transmitida: **"Parabéns, minha irmã, por sua luta e pelo que você significa".**

Conceição Evaristo subiu ao palco para receber o prêmio e conversar com a escritora Lívia Sant'Anna Vaz e o escritor e curador do Flitabira

Sérgio Abranches. Lívia abriu a mesa com um canto e comentou: **"Hoje é sábado, dia das águas. Pra mim, Conceição é essa água que acolhe"**. Na sequência, Conceição Evaristo deu início a um belo e emocionante discurso de agradecimento. **"Estou profundamente emocionada. A poesia é o lugar da emoção. E a emoção sempre me habitou"**. Em seguida, ela disse: **"Agradeço esse prêmio, essa condecoração. Eu quero ser... eu não sei o que quero ser"**. No que rendeu gritos entusiasmados do público: **"Você já é!"**





Foto de Keven Willian

Conceição Evaristo relembrou suas origens, agradecendo a família em sua formação de escritora: **"Vim de uma família pobre. Não nasci rodeada de livros, mas nasci rodeada de palavras. Ao mesmo tempo, rodeada de silêncio, pois, ao ouvir tantas histórias, eu precisava de um momento de digestão. Escutar tantas histórias me dava o desejo de um dia contar essas histórias". Sobre as narrativas ouvidas em casa, desde a infância: "Essas histórias me compõem, elas me formam para uma intelectualidade que nasce nos vãos da vida, nasce do nosso cotidiano. Esse prêmio que recebo hoje confirma pra mim que essa possibilidade de criação pode nascer da prática".**

A escritora mineira relembrou cenas do cotidiano que marcaram a sua formação. **"Talvez venha daí a origem da Escrevivência".** Ela concluiu: **"A poesia me visitava e eu nem sabia".** Com muita emoção, Conceição destacou a dificuldade da infância: **"Eu preciso agradecer não àquele estado de pobreza, mas à possibilidade de transformar aquela pobreza em poesia. Não estou fazendo uma apologia da pobreza, pois a pobreza mata".**

O discurso da escritora prosseguiu: **"O nosso futuro é ancestral. Meu avô, que nasceu na Lei do Ventre Livre, dizia que na sua família,**

um dia, teriam médicos e professores. Professores nós já temos". Na sequência, ela dedicou o Troféu Juca Pato: **"Eu queria oferecer a premiação às mulheres quilombolas que eu conheci no Quilombo Morro Santo Antônio e também àquelas do outro quilombo da cidade que eu ainda não conheci. Esse prêmio não é meu, é nosso."** Dona Rosinha, do Quilombo Morro Santo Antônio, subiu ao palco para celebrar Conceição Evaristo e agradecê-la pela visita à comunidade, em um momento de grande emoção. Conceição destacou: **"O exercício da escrita tem de ser visto como um direito de todos nós. A Dona Rosinha, por exemplo, tem uma infinidade de escritos, cartas, poemas."**

Na sequência, mais um momento em que a emoção transbordou: uma homenagem dos musicistas Marco Lobo, Fabrício Conde, Marcos Assunção e Ivan Vilela, ao lado da escritora Eliana Alves Cruz, que cantou versos em homenagem à escritora e a convidou – além de a todo o público presente – para dançar.

Conceição Evaristo citou Carlos Drummond de Andrade, poeta-símbolo da cidade de Itabira: **"Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo. Acho que esse é um sentimento comum às pessoas que escrevem".**



Viva a obra de uma das maiores escritoras da história da literatura brasileira e da literatura mundial!

Viva Conceição Evaristo!

Foto de Keven Willian

Flitabira divulga números da livraria da terceira edição do Festival

Premiada com o Troféu Juca Pato de Intelectual do Ano, Conceição Evaristo foi a autora mais vendida no Flitabira

Texto de **Letícia Finamore**

O Festival Literário Internacional de Itabira (Flitabira) encerrou as atividades de sua terceira edição neste domingo, 5 de novembro, após cinco dias de intensa expressão cultural em diversas formas, com a literatura e a promoção da leitura como pilares centrais. O evento aconteceu no Circuito Cultural do Centro Histórico da cidade e reuniu mais de cem autores e autoras nacionais, internacionais e locais.

Além das palestras, debates, atividades culturais e apresentações musicais, a livraria, o cerne de todo festival literário, teve seu destaque como grande atrativo. Foi montado um espaço de 244 m2 dedicado à venda de livros no Flitabira, com cerca de 15 mil exemplares disponíveis, incluindo mais de 4 mil títulos literários, abrangendo diversos gêneros,

como romance, poesia, ensaio, aventura, terror, crônica, biografia, infantojuvenil, entre outros. O Flitabira mantém firmemente sua missão de enaltecer os autores brasileiros e a literatura nacional, com especial destaque para o autor itabirano Carlos Drummond de Andrade, cujas obras estiveram disponíveis na livraria, incluindo lançamentos inéditos publicados pela Editora Record.

É notável que quase todos os livros mais vendidos no evento foram escritos por autores e autoras que participaram do Flitabira. Isso confirma a vocação do Festival em promover e valorizar a produção literária nacional. Abaixo, apresentamos a lista dos dez livros mais vendidos do Flitabira, composta exclusivamente por obras e autores brasileiros.

Conceição Evaristo
"Canção para ninar menino grande"

Ailton Krenak
"Ideias para adiar o fim do mundo"

Ailton Krenak
"Futuro ancestral"

Jamil Chade e Juliana Monteiro
"Ao Brasil, com amor"

Fabrício Carpinejar
"Manual do luto"

Conceição Evaristo
"Becos da memória"

Conceição Evaristo
"Olhos d'água"

Jamil Chade e Ruth Manus
"Histórias para entender um mundo caótico"

Conceição Evaristo
"Insubmissas lágrimas de mulheres"

Carlos Drummond de Andrade e Ziraldo
"História de dois amores"

Indo além, o público do Flitabira teve a oportunidade de, pela primeira vez, ter acesso aos livros presentes na lista da iniciativa "200 anos, 200 livros". A proposta surgiu no bicentenário da Independência do Brasil, em uma parceria do jornal Folha de S. Paulo com a Associação Portugal Brasil 200 anos e o Projeto República, núcleo de pesquisa da Universidade Federal de Minas Gerais. Essas organizações reuniram um time de peso para uma missão árdua e especial: selecionar 200 livros para pensar e entender o Brasil, em toda a sua multiplicidade, resultando na iniciativa "200 anos, 200 livros". Para isso, foram convidados 169 intelectuais, resultando numa lista que atravessa gerações, de obras clássicas a contemporâneas.

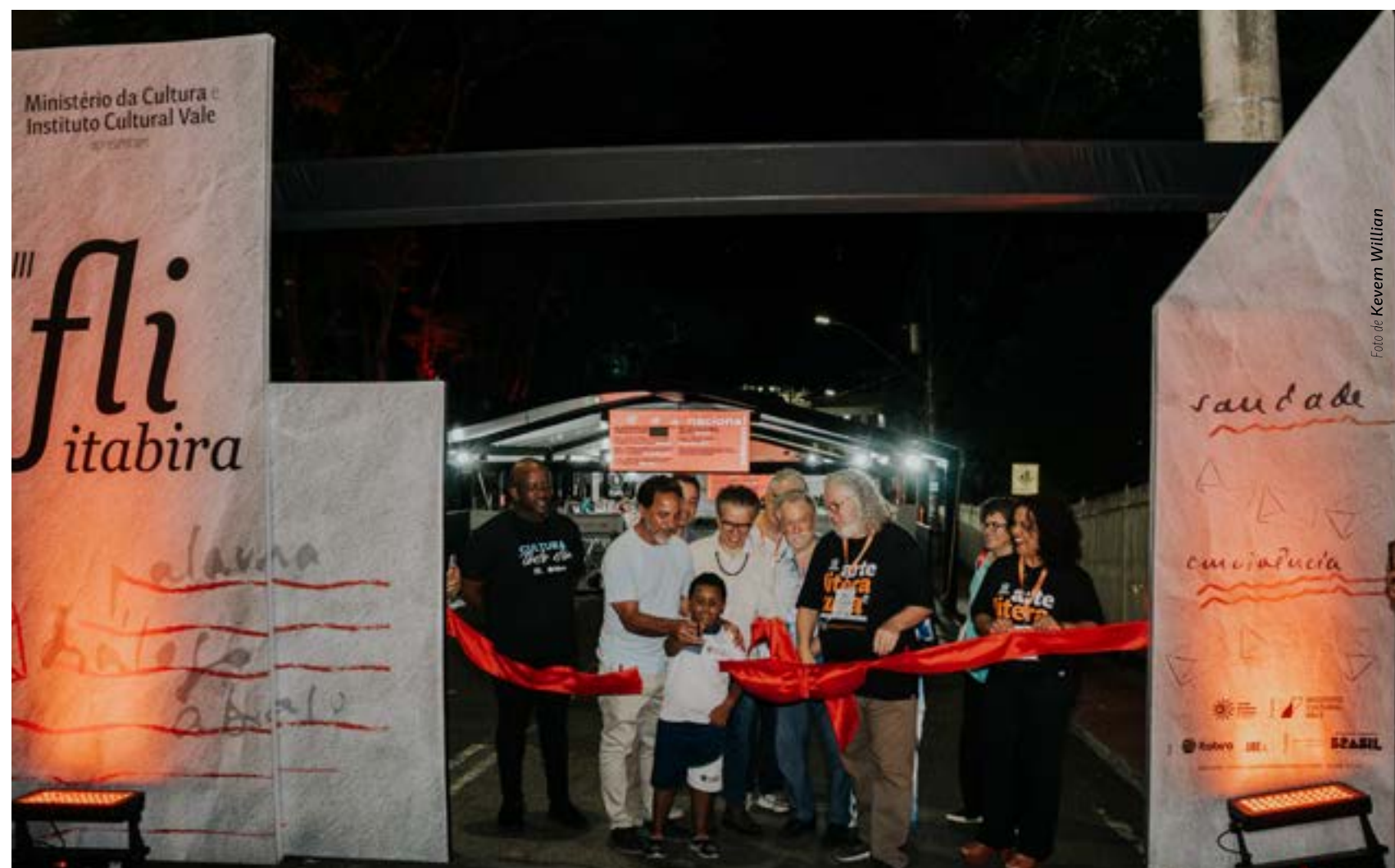


“O futuro é ancestral” é a frase que ressoa no encerramento da terceira edição do Flitabira

O passado, o presente e o futuro da literatura se encontraram no Festival que reuniu mais de 100 autores em sua programação de 2023

Texto de Gabriel Pinheiro

“Arte, literatura e correspondências”: foi com esse tema que o Festival Literário Internacional de Itabira – Flitabira – abraçou a cidade mineira em sua terceira edição. Na terra de nosso poeta maior, Carlos Drummond de Andrade, autores e autoras de diferentes partes do Brasil e do mundo se reuniram em torno de um elo comum: a literatura como o lugar do encontro. O encontro com a poesia de Drummond, o encontro com a história marcada pelas ruas de Itabira, o encontro entre os autores e o público, o encontro dos escritores uns com os outros, o encontro como um novo mundo possível.



Dois dos maiores intelectuais do nosso país estiveram em Itabira, onde celebraram reconhecimentos que se apresentam como símbolos de um novo olhar, de, quem sabe, um novo País. Símbolos também de resistência e de transformação. Ailton Krenak, o mais novo Imortal da Academia Brasileira de Letras (ABL). Ele, o primeiro escritor indígena eleito para a ABL, ocupa, então, a cadeira que um dia pertenceu à primeira mulher eleita para a instituição, Rachel de Queiroz. Conceição Evaristo, eleita Intelectual do Ano pela União Brasileira dos Escritores – UBE –, recebeu o Troféu Juca Pato no palco do Flitabira, sendo a primeira mulher negra a receber a honraria. Momento de emoção profunda que, certamente, ficará guardado na lembrança daqueles presentes. Ailton Krenak e Conceição Evaristo são nossa ancestralidade e o nosso porvir. Ambos nos lembraram em diferentes momentos do Flitabira: “O futuro é ancestral”.

“Tenho apenas duas mãos e o sentimento do mundo”, lembrou Conceição Evaristo na entrega do prêmio. Complementando: “Acho que esse é um sentimento comum às pessoas que escrevem”. Foi possível constatar isso ao longo de toda a programação do terceiro Flitabira. A entrega, dos autores e das autoras convidados, à literatura e às suas múltiplas, infinitas possibilidades. Flitabira é Festival Literário, mas tivemos a certeza de que é também festa literária, como foi repetido por diferentes convidados. Festa e celebração em torno do livro e daqueles que, tanto no passado quanto no presente, encontraram na palavra uma maneira de transformar o mundo.



O futuro também marcou essa edição. Futuro este que esteve na entrega do Prêmio de Redação. O objetivo do Prêmio de Redação do III Flitabira foi instigar os alunos da comunidade itabirana a lerem um poema de Carlos Drummond de Andrade e, em seguida, escreverem uma carta dirigida ao Poeta. Foi emocionante e profundamente transformador ver crianças e jovens, entre 4 e 18 anos, no palco do Festival Literário Internacional de Itabira, celebrando suas conquistas e descobrindo, desde cedo, o poder da palavra.



O Festival Literário Internacional de Itabira concluiu sua 3.ª edição já ansiando pela próxima, em 2024, para que sigamos celebrando a obra de Drummond, a história de Itabira e as páginas dos muitos livros que nos enchem de histórias e de História. Todos os debates, discursos contundentes, trocas e, até mesmo, aquelas prosas pequenas dos momentos de descontração seguirão ecoando em nós e, acreditamos, também em você que esteve conosco.



Flitabira perpetua compensação de CO2 em parceria com o Instituto Terra

A realização de um festival literário, assim como qualquer evento público, acarreta no aumento das emissões de gases na atmosfera, com destaque para o dióxido de carbono. O incremento no tráfego de veículos, incluindo carros e ônibus na área circundante, o movimento de caminhões, a produção dos elementos estruturais do evento, bem como o deslocamento dos convidados de diferentes estados e países, utilizando meios de transporte terrestres ou aéreos: tudo isso contribui significativamente para a poluição do ar. Independentemente do valor cultural que um grande evento possa agregar à cidade, como é o caso do Festival Literário Internacional de Itabira, o Flitabira, é importante reconhecer que ele também gera impactos ambientais invisíveis a olho nu, sendo conhecidos como o “efeito estufa”.

A solução mais comum é simples: compensar carbono plantando árvores – essa é uma prática que o Fliaraxá faz há anos. Seguindo a mesma linha, o Fliparacatu adotou a proposta em sua primeira edição, realizada em agosto de 2023.

A proposta para o 3.º Flitabira foi avançar no conceito e na ação no tocante à reparação dos danos ambientais e à captura de Gases de Efeito Estufa (GEE). De agora em diante, o Flitabira atuará seguindo esta linha, superando suas edições anteriores.

Em convênio firmado com o Instituto Terra, além do plantio de árvores, o Flitabira investirá no cultivo de plantas nativas, fundamentais para a regeneração do meio ambiente e a proteção da biodiversidade. O convênio com

o Instituto Terra incrementa também um dos pontos fortes do Instituto: a educação ambiental na formação de jovens profissionais especializados. E, no futuro, o mais importante: a recuperação de nascentes, atividade que o Instituto Terra tem excelência nestes 25 anos de existência.

O Flitabira, assim como seus festivais parceiros, o Fliaraxá e o Fliparacatu, tem orgulho em ser adepto do projeto de compensação de carbono em parceria com o Instituto Terra. A satisfação é ainda maior quando se trata de Itabira, que, desde a edição de estreia do Festival Literário do município, já promovia a prática da descarbonização.



Conheça o Instituto Terra

O Instituto Terra é uma organização brasileira sem fins lucrativos que se dedica à conservação e recuperação do meio ambiente. Foi fundado em 1998 pelo fotógrafo brasileiro Sebastião Salgado e sua esposa, Lélia Wanick Salgado.

A principal iniciativa do Instituto Terra é o projeto de reflorestamento da Mata Atlântica na região do Vale do Rio Doce, localizada no estado de Minas Gerais, Brasil. O projeto busca recuperar áreas degradadas e transformá-las em florestas nativas saudáveis e ecologicamente equilibradas.

Além do trabalho de reflorestamento, o Instituto Terra também desenvolve atividades de educação ambiental, pesquisa científica e

conscientização pública. Ele promove cursos, oficinas e palestras sobre conservação ambiental, agroecologia e sustentabilidade.

O Instituto Terra tem como objetivo promover a preservação e a conservação da biodiversidade, garantindo a melhoria da qualidade de vida das comunidades locais e a preservação do patrimônio natural. Seu trabalho é reconhecido nacional e internacionalmente, sendo exemplo de sucesso na recuperação de ecossistemas degradados.

Conheça as formas de parceria e compensação pelo site <https://institutoterra.org/>



III Flitabira é eternizado não apenas por lembranças, mas também no YouTube

Texto de **Letícia Finamore**

Ao implementar a ideia de tornar o Flitabira um evento “figital”, que integra o mundo físico com o digital, a terceira edição do Festival Literário Internacional de Itabira também foi transmitida on-line. Todas as palestras foram apresentadas ao vivo no YouTube e, logo após a realização, foram disponibilizadas no canal do Flitabira. Ou seja: caso você tenha perdido alguma palestra do Festival ou deseje rever algum debate, é só acessar o canal do evento no YouTube.

Além disso, o Ciclo de Debates que celebra a obra epistolar de Carlos Drummond de Andrade, apresentado em uma parceria entre o Festival e o Sesc-SP, está acessível no mesmo site. O programa tem a mediação de

Fábio Lucas, membro da Academia Pernambucana de Letras, fundador do @livrnewsnoinsta, colunista do Jornal do Commercio (PE) e presidente do Conselho Editorial da Cepe.

Assim como os vídeos das palestras e do Ciclo de Debates, a equipe de produção de conteúdo audiovisual do Festival também criou peças – chamadas de minidocs – para cada um dos cinco dias do Flitabira. Cada uma delas oferece imagens do ambiente e a interação dos visitantes com o evento, além dos vídeos das palestras. Esses vídeos em formato de pílulas também foram compartilhados em nossa página do Instagram do Flitabira. Não deixe de conferir nossas redes sociais!



Programação infantojuvenil encanta público no III Flitabira.

Texto de **Tatiana Linhares**

Interessado na formação de novos leitores, sobretudo do público infantojuvenil, o Flitabira dedicou um dia inteiro de programação voltada para crianças e adolescentes. O domingo (5/11) foi repleto de atividades, que contaram com troca de ideias e estimulação da criatividade por meio de espetáculo musical, contação de histórias, brincadeiras e circo.

"A gente foi às escolas antes do Festival começar e foi muito importante ver a participação de todo o grupo escolar. Eles leram os livros, fizeram trabalhos a respeito, e isso demonstra o compromisso com o evento para além dos concursos de redação e desenho. A literatura acaba por estar, de fato, no cotidiano das famílias", comentou Tino Freitas, escritor infantojuvenil e um dos curadores da programação voltada para o público jovem.



Foto de Keven William

O espetáculo musical infantil "O Tubarão Martelo e os Habitantes do Fundo do Mar" foi uma das principais atrações do III Flitabira. Pais, mães e crianças lotaram a plateia, comprovando o sucesso dessa produção teatral que atrai centenas de famílias por onde passa, angariando ainda mais fãs desse universo marinho, que surgiu no canal www.youtube.com/@otubaraomartelo e que soma mais de 30 milhões de visualizações.

Animados, os pequenos cantaram e dançaram ao som das músicas que contam as características dos animais marinhos e os cuidados com o meio ambiente. Crianças de todas as idades se envolveram com a história do Capitão Jack; e com as sereias Luna e Maya, foram conhecendo um pouco mais dos habitantes do fundo do mar e da importância do cuidado com o planeta.

Para Débora Leopoldino, mãe de três filhos que se divertiram muito com o espetáculo, pensar uma programação específica para o público infantil é indispensável no Festival. "Foi lindo, alegre, colorido. Acho extremamente interessante que tenham eventos voltados para eles, além daqueles diretamente ligados à literatura. O teatro também é uma forma

de incentivá-los a se tornarem bons leitores", comentou.

Sua filha, Heloísa, de cinco anos, disse que dançou muito ao som das músicas. E tem suas personagens preferidas. "O que eu mais gostei foi o golfinho. Mas eu também amo a sereia", contou com os olhinhos brilhando.

A professora Sandra Duarte levou os filhos Pedro, de 4 anos, e Maya, ainda bebê. Eufórico, o mais velho pulou, dançou e mostrou as personagens para a mãe ao longo de toda a apresentação. "Ele está fascinado com os animais marinhos. Não consegue segurar a animação. Ter esse tipo de atividade para crianças menores é extremamente relevante para a formação de adultos interessados e envolvidos com a cultura. Ainda mais uma produção tão profissional e cuidadosa em cada detalhe", ressaltou.

"O Tubarão Martelo e os Habitantes do Fundo do Mar" é uma criação de Cláudio Fraga, que também é autor, roteirista e ator no musical. A direção é de Carlos Magalhães, com 40 anos de experiência em televisão, como os infantis Sítio do Pica Pau Amarelo e TV Globinho, além do Criança Esperança. O musical tem o patrocínio da Cemig, via Lei Estadual de Incentivo à Cultura de Minas Gerais.



Foto de Keven William

Confira o Ciclo de Debates promovido pelo III Flitabira e o Sesc-SP, "A Obra Epistolar de Carlos Drummond de Andrade"

Em parceria com o III Flitabira, o Sesc-SP promove o Ciclo de Debates Virtual "A Obra Epistolar de Drummond", no qual 11 temas tangentes ao assunto central da proposta são abordados por 12 diferentes especialistas da obra do Poeta. Os episódios duram cerca de

uma hora e é possível acessá-los nos canais do YouTube do Flitabira e do Sesc CPF.

Todos os debates são mediados pelo escritor e jornalista Fábio Lucas, editor do @livrnewsnoinsta, em Pernambuco.



Aproxime a câmera do seu smartphone e assista ao Ciclo

A obra epistolar de Drummond

As correspondências de Carlos Drummond de Andrade com seus amigos são uma verdadeira obra-prima da literatura epistolar brasileira. O poeta mineiro tinha o hábito de trocar cartas com diversos colegas ao longo de sua vida, e essas correspondências revelam muito sobre sua personalidade, seus pensamentos e suas relações pessoais, assuntos que surgiam e proporcionaram conversas sobre literatura, política, filosofia e assuntos cotidianos, sempre com muita inteligência e humor.

Indo além, as correspondências de Drummond também são um registro histórico importante: elas retratam a vida cultural brasileira nas décadas de 1920 a 1980. Diante de um extenso conteúdo, rico em história, seja da vida de Carlos Drummond de Andrade, de seus amigos, seja do contexto social vigente, as correspondências do poeta mineiro com seus amigos

são uma fonte literária valiosa para conhecer mais sobre sua vida e obra, assim como também oferece um panorama abundante da cultura brasileira no século XX.

Trata-se de uma chance de construir a ponte entre o passado e o presente, celebrando o talento de Carlos Drummond de Andrade e o empenho daqueles que baseiam seus estudos na obra do escritor. Tal proposta não apenas enriquece o cenário literário, mas também reforça a necessidade contínua de conferir valor à obra epistolar – a sua imensa troca de cartas era uma obra literária à parte de sua produção.

Confira abaixo a relação dos especialistas e os temas a serem tratados:

Alceu Amoroso Lima, por Leandro Garcia Rodrigues

Leandro Garcia Rodrigues foi o convidado do Ciclo de Debates Virtual: A Obra Epistolar de Drummond, apresentado pelo Sesc-SP e pelo III Flitabira, para falar sobre as correspondências entre o poeta itabirano e Alceu Amoroso Lima. Também conhecido pelo pseudônimo "Tristão de Ataíde", Alceu Amoroso Lima foi escritor, crítico literário e professor. No ano de 1935, Alceu foi eleito para a cadeira de número 40 da Academia Mineira de Letras. Além disso, no mesmo ano, tornou-se membro do Conselho Nacional de Educação.

Um aspecto fundamental na correspondência entre Carlos Drummond de Andrade e Alceu Amoroso Lima diz respeito à questão religiosa, assunto este tão forte e profundamente ligado à vida de ambos, ora por afirmação, por parte de Alceu, ora por negação ou ceticismo, por parte de Drummond. Alceu e Drummond acompanharam a reorganização da Igreja Católica no Brasil, no sentido ideológico, pastoral e doutrinário, e esse momento foi abordado em suas correspondências.



Diversos autores, por Edmilson Caminha

No Ciclo de Debates Virtual: A Obra Epistolar de Drummond, apresentado pelo Sesc-SP e pelo III Flitabira, Edmilson Caminha é convidado para falar sobre as correspondências entre o poeta itabirano e diversos autores de seu tempo.

As correspondências de Carlos Drummond de Andrade com seus amigos são uma verdadeira obra-prima da literatura epistolar brasileira. O poeta mineiro tinha o hábito de trocar cartas com diversos colegas ao longo de sua vida, e essas correspondências revelam muito sobre sua personalidade, seus pensamentos e suas relações pessoais, assuntos que surgiam e proporcionaram conversas sobre literatura, política, filosofia e assuntos cotidianos, sempre com muita inteligência e humor.

Cyro dos Anjos, por Wander Melo Miranda

No âmbito do Ciclo de Debates Virtual: A Obra Epistolar de Drummond, promovido pelo Sesc-SP, em colaboração com o III Flitabira, a participação de Wander Melo Miranda é voltada para as trocas de correspondências entre o poeta itabirano e Cyro dos Anjos, amigo de CDA que dedicou muitos anos de sua vida à advocacia e ao serviço público. Cyro dos Anjos é mais conhecido por sua obra “O amanuense Belmiro”, que é considerada uma das grandes realizações da prosa regionalista brasileira.

Carlos e Cyro dos Anjos compartilhavam a rotina entre o serviço público e a literatura. Trocaram correspondências por toda a vida, se mostraram amigos e confidentes para falar dos mais diversos assuntos – a política vigente da época, o círculo de amizades de ambos, família, trabalho e sobre a criação literária de cada um. Drummond deposita em Cyro dos Anjos uma grande confiança, relatando com intimidade os acontecimentos de sua vida. Já Cyro dos Anjos se mostra um aprendiz, seguidor de Carlos Drummond. O poeta serve de inspiração e encoraja o romancista à escrita literária.

A carpintaria da curadoria das cartas, por Samuel Titan

Para falar sobre o delicado e importante processo de curadoria epistolar, Samuel Titan é convidado para integrar a programação do Ciclo de Debates Virtual: A Obra Epistolar de Drummond, apresentado pelo Sesc-SP e pelo III Flitabira.

A curadoria das cartas, com todos os seus processos de seleção, organização e preservação, desempenha um papel basilar na preservação da história literária e na construção de uma narrativa mais completa sobre a vida e obra de um autor. Há, portanto, uma relação intrínseca entre a curadoria de cartas e a obra epistolar de Carlos Drummond de Andrade: ela está na importância da preservação e organização das cartas de Drummond, garantindo que elas continuem a ser fonte de informações sobre sua vida e seu contexto literário.

Manuel Bandeira, Mário de Andrade e outros, por José Miguel Wisnik

O músico José Miguel Wisnik fala sobre as cartas trocadas entre os escritores Drummond e Manuel Bandeira para o Ciclo de Debates Virtual: A Obra Epistolar de Drummond, apresentado pelo Sesc-SP e pelo III Flitabira. Integrante da primeira geração modernista do Brasil, Manuel Bandeira foi escritor, bem como professor, crítico e historiador literário. Sua obra é recheada de lirismo poético, percebido em seu uso de versos livres, linguagem coloquial, irreverência e liberdade criadora. Assim como Carlos Drummond de Andrade, Manuel Bandeira escrevia, dentre outras coisas, sobre o cotidiano e a melancolia.

Enquanto isso, Mário de Andrade foi um importante escritor, poeta e estudioso da cultura brasileira do século XX. Ele desempenhou um papel fundamental no movimento modernista brasileiro e foi autor de obras influentes como “Macunaima” e “Pauliceia desvairada”. Além de sua produção literária, Mário de Andrade também atuou como pesquisador e folclorista, contribuindo para a valorização da cultura popular brasileira.

Escritor e amigo de Carlos Drummond de Andrade, Mário de Andrade manteve com ele uma correspondência que durou por toda a vida e também é parte fundamental das lições e da aprendizagem poética no início da carreira de Drummond. Evidentemente, a relação entre os dois poetas, no âmbito da literatura, era de influência recíproca, na qual se discutiam ideias e experimentos de versificação.

Manuel Bandeira e Carlos Drummond de Andrade mantiveram uma relação literária significativa, embora não tenham tido uma amizade próxima. A relação entre Bandeira e Drummond era marcada pela admiração mútua e pelo respeito literário. Ambos tinham estilos poéticos distintos, porém compartilhavam a mesma preocupação com a vida cotidiana e a experiência humana, e isso se refletiu em suas obras.

Ribeiro Couto, por Marcelo Bortoloti

No Ciclo de Debates Virtual: A Obra Epistolar de Drummond, apresentado pelo Sesc-SP e pelo III Flitabira, Marcelo Bortoloti fala sobre as correspondências entre o poeta itabirano e Ribeiro Couto, escritor, poeta e diplomata brasileiro. A obra de Couto incluiu poesia, ensaios e traduções, e ele também serviu como embaixador do Brasil em diversos países. Couto era conhecido por seu estilo literário refinado, e seu trabalho contribuiu para a literatura brasileira do século XX.

Enquanto Drummond se destacava por sua seriedade, introspecção e inclinação progressista, Couto era conhecido por sua sociabilidade, abordagem otimista em relação à vida, interesse nas nuances do cotidiano e, notavelmente, politicamente conservador. Quando os dois escritores começaram a se corresponder, Drummond era recém-casado e ainda dava seus primeiros passos no universo literário. O debate literário entre os dois escritores parece ter unido os poetas em um primeiro momento, com muitas trocas sobre o modernismo. Apesar das discrepâncias evidentes entre suas personalidades e visões de mundo, a partir de 1925, ambos estabeleceram uma correspondência regular por meio de cartas. Essa troca de correspondências perdurou, com altos e baixos, até 1963, quando Couto faleceu.

Vinícius de Moraes, por José Castello

No Ciclo de Debates Virtual: A Obra Epistolar de Drummond, apresentado pelo Sesc-SP e pelo III Flitabira, José Castello é convidado para falar sobre as correspondências entre o poeta itabirano e Vinícius de Moraes.

Vinicius de Moraes foi um poeta, compositor e diplomata brasileiro. Ele desempenhou papel fundamental na música popular brasileira, sendo um dos colaboradores do movimento da Bossa Nova e autor de letras icônicas, como as de “Garota de Ipanema”. Além de sua contribuição para a música, Vinicius também se dedicou à poesia. Suas contribuições culturais são valorizadas por suas sensibilidades e melodias, o que garantiu a Vinicius um amplo reconhecimento como uma das figuras mais influentes da cultura brasileira do século XX.

Vinicius de Moraes e Carlos Drummond de Andrade eram duas figuras proeminentes na cena literária brasileira do século XX. Cada um tinha seu próprio estilo poético, com Vinicius sendo conhecido por sua poesia lírica e musical, e Drummond por sua abordagem mais sóbria e crítica. Eles se encontraram pessoalmente em algumas ocasiões e trocaram correspondências, que eram marcadas por discussões sobre literatura e poesia.

Pedro Nava, por Eliane Vasconcellos e Matildes Demétrio

No Ciclo de Debates Virtual: A Obra Epistolar de Drummond, apresentado pelo Sesc-SP e pelo III Flitabira, Matildes Demétrio e Eliane Vasconcelos são convidadas para falar sobre as correspondências entre Drummond e Pedro Nava. Nascido na cidade mineira de Juiz de Fora, Nava foi um médico, escritor e memorialista brasileiro. Ele é amplamente reconhecido por sua série de memórias intitulada “Baú de ossos”, na qual descreve sua vida, a sociedade e a medicina do Brasil no século XX. Suas obras são instrumento de pesquisa para compreender a história e a cultura brasileira da época, sendo admiradas por sua prosa detalhada e rica em observações.

Drummond e Nava mantiveram uma amizade sólida, iniciada em 1922, que se estendeu até a morte de Nava, no ano de 1983. Em seus momentos de descontração, eles trocavam poemas, crônicas, artigos e textos de ficção e artigos.

João Cabral de Melo Neto, por Antonio Carlos Secchin

Antonio Carlos Secchin é convidado para falar sobre as correspondências entre o poeta itabirano e João Cabral de Melo Neto para a programação do Ciclo de Debates Virtual: A Obra Epistolar de Drummond, apresentado pelo Sesc-SP e pelo III Flitabira. João Cabral de Melo Neto foi diplomata e poeta, tendo seu trabalho literário conhecido por sua precisão e estilo conciso, frequentemente influenciado por elementos visuais e geométricos. Autor de “Morte e vida Severina” e “O cão sem plumas”, Cabral é uma figura fundamental na literatura brasileira do século XX e recebeu prêmios como o Prêmio Camões e o Prêmio Neustadt de Literatura.

A amizade de Drummond e Cabral conta com o importante fato de que o poeta mineiro foi até mesmo padrinho de casamento de Cabral. Mesmo assim, a relação entre os dois era delicada. As cartas de Cabral são sempre maiores e generosas, as de Drummond mais parcas, às vezes de uma ou duas linhas. Por isso, é de se notar que nas últimas cartas trocadas entre Cabral e Drummond, embora reafirmem a mútua admiração e a amizade, há também sempre uma necessidade de explicação de por que não se escrevem.

A obra epistolar de Drummond, por Humberto Werneck

Humberto Werneck também integra o cronograma do Ciclo de Debates Virtual: A Obra Epistolar de Drummond, apresentado pelo Sesc-SP e pelo III Flitabira, e fica incumbido de falar sobre a herança deixada pelo poeta itabirano em suas cartas.

As correspondências de Drummond são um registro histórico importante: elas retratam a vida cultural brasileira nas décadas de 1920 a 1980. Diante de um extenso conteúdo, rico em história, seja da vida de Carlos Drummond de Andrade, de seus amigos, seja do contexto social vigente, as correspondências do poeta mineiro com seus amigos são uma fonte literária valiosa para conhecer mais sobre sua vida e obra, assim como também oferece um panorama abundante da cultura brasileira no século XX.

Candido Portinari, por João Candido Portinari

João Candido Portinari, filho do mundialmente conhecido pintor Candido Portinari, é convidado para falar das cartas trocadas entre seu pai e Carlos Drummond de Andrade. O Ciclo de Debates Virtual: A Obra Epistolar de Drummond é apresentado pelo Sesc-SP e pelo III Flitabira, Festival que celebra a vida e as obras do pintor, assim como do poeta itabirano.

Candido Portinari foi um pintor brasileiro conhecido por suas obras que retratam a vida e a cultura do Brasil. Sua pintura era frequentemente marcada por um estilo realista e de temas sociais, abordando questões como a desigualdade, a vida rural e as tradições brasileiras. Portinari é famoso por murais notáveis, como "Guerra e Paz", localizado na sede da Organização das Nações Unidas (ONU). Sua arte desempenhou um papel importante na promoção da cultura brasileira no cenário internacional.

Carlos Drummond de Andrade e Candido Portinari representam a convergência de duas figuras icônicas na cultura brasileira, cada uma contribuindo de maneira única para o enriquecimento da expressão cultural do Brasil no século XX. A amizade entre os dois é nítida nas cartas que trocaram ao longo de suas vidas, tendo sido enviadas mesmo em meio às mudanças de endereço. Fosse em Brodowski, Rio de Janeiro ou em Paris, os amigos se correspondiam e falavam sobre suas famílias e assuntos relativos ao dia a dia.



Foto de APL Divulgação

Mediação do Ciclo de Debates

Pernambucano de Recife, cidade onde mora até hoje, Fábio Lucas de Barros e Silva é escritor, jornalista, criador e editor do LivroneWS, portal cultural com perfis nas redes sociais, que divulga a literatura brasileira contemporânea de maneira incansável, e realiza debates e lives literárias. Autor dos livros "Quaoar" (crônicas e artigos, 2005), "A psicanálise do clone" (ensaio extraído da dissertação de mestrado em Filosofia, 2007) e "Um objeto que vê" (crônicas, 2009), Fábio também foi colaborador das páginas de opinião do Jornal do Commercio (PE) e editor de opinião e repórter da Gazeta Mercantil Distrito Federal, em Brasília, além de outras atividades jornalísticas e literárias, como ser colaborador do Jornal Rascunho, desde 2019. Assumiu, em 2023, a presidência do Conselho Editorial da Companhia Editora de Pernambuco (Cepe) para o biênio 2023/2025.

18



O poder transformador do encontro e da amizade entre os escritores no Flitabira

Texto de Gabriel Pinheiro

Festivais como o Festival Literário Internacional de Itabira – Flitabira – são ricas oportunidades para o público leitor conhecer e ter um contato próximo com aqueles autores tão admirados. E vice-versa, no encontro com o público, os autores e autoras veem a oportunidade de observarem e de se emocionarem com as transformações que suas obras são capazes de realizar na vida do público leitor.

Outro feliz encontro no Flitabira se dá entre os escritores. Ao longo dos dias de programação, muitos e muitas se colocam também no lugar de leitor, aquele lugar tão especial do fã, podendo encontrar amigos e profissionais admirados, trocar figurinhas e compartilhar suas experiências de leitura. Para o escritor Ricardo Prado, que lança no Flitabira seu monumental

romance "Os primeiros", a experiência em festivais literários é muito marcante. Segundo ele, o trabalho do escritor é muito solitário, ligado à tela do computador ou rodeado de livros para pesquisa. **"Um festival como o Flitabira é muito acolhedor, é aconchegante. Ele nos dá tempo para ficar em contato com outros autores, é prolongado". Ricardo destaca que mesmo morando na mesma cidade que vários colegas autores, o contato, às vezes, pode ser raro. "Estamos sempre dizendo: vamos marcar um café e não marcamos, não conseguimos. Aqui a gente não precisa nem marcar, né? Você vem até a Casa Flitabira e todo mundo está aqui. Acho que isso legitima a ideia de que também é uma festa literária."**



Foto de Keven Willian

Outro ponto interessante que Prado destaca é a surpresa em conhecer leitores que também são autores: **“Às vezes, você está conversando com uma pessoa que você acha que é um leitor, porque ele está se comportando como tal, te fazendo perguntas específicas. Só que num certo momento ele abre a bolsa, tira um livro e te dá de presente. Quer dizer, ele é um leitor, mas também é um escritor que você ainda não conhecia”**. Ricardo ainda destacou as muitas emoções envolvidas durante o Flitabira: **“É bonito ver as pessoas se comovendo junto, pensando junto e sonhando junto. Quantas vezes nas mesas, o público aplaude? Sempre. O público se emociona, as pessoas choram. Eu acho que é isso que batiza esse encontro. É uma festa mesmo”**.

Conceição Evaristo, autora de “Canção para ninar menino grande”, considera que estar em um festival literário como o Flitabira é também uma oportunidade de se colocar no lugar do público. **“Quando eu estou diante de escritores e de escritoras que eu admiro, vem sempre aquela sensação que é compartilhada com os leitores, vem**

aquele desejo de estar próxima... e também vem aquela inibição, aquele estado de êxtase, né? Quando estou diante de escritores e de escritoras que me seduziram por seus textos, a minha reação é igual àquela do público quando vem ao meu encontro”.

Conceição comentou sobre a experiência de compartilhar a mesa com autores queridos: **“Quando eu estava sentada perto da Eliana Alves Cruz, me emocionou tanto. E também do Jeferson Tenório, que é uma pessoa que eu admiro muito, um escritor do qual eu gosto intensamente”**. A escritora mineira também lembrou do seu encontro com o escritor português Valter Hugo Mãe em uma edição do Fliaraxá: **“Eu tive essa reação também, de um encontro profundo, com o Valter Hugo Mãe. Ele, que é um homem branco, um homem português. Mas eu acho que a criação poética nos coloca no lugar especial, nos dá essa possibilidade do encontro”**.



O curador do Flitabira, Sérgio Abranches, autor de “O intérprete de borboletas” que prepara novo romance para lançamento em breve, destacou uma das marcas do Flitabira – e dos seus festivais irmãos, Fliaraxá e Fliparacatu: **“Algo que distingue os nossos festivais de outros é a preocupação em manter os escritores juntos. A gente busca mantê-los no evento o máximo possível, para que passem alguns dias juntos, em diálogo. Esse contato para mim, enquanto escritor, é fundamental”**.

Para Sérgio, essas interações entre escritor e público e entre escritor e escritor são essenciais. **“É sempre uma troca muito rica. Você acaba conquistando escritores para ajudar você na sua própria escrita. Podemos fazer leituras dos trabalhos uns dos outros. Isso é excepcional”**. A escolha de cidades do interior também influencia na experiência, acredita Abranches: **“São cidades que te dão um aconchego, são muito acolhedoras. Elas também interessam aos autores, dão vontade de que fiquem um pouco mais. Essa proximidade é muito boa”**.



Uma visita à memória de Drummond na companhia de Pedro Drummond e Ailton Krenak

Texto de *Gabriel Pinheiro*

Pedro Drummond, neto de Carlos Drummond de Andrade, levou o escritor Ailton Krenak para um passeio pela vida e a obra do poeta itabirano na manhã desta quarta-feira, 1.º de novembro, no Memorial Carlos Drummond de Andrade, na cidade de Itabira. Logo na fachada da instituição, uma série de reproduções em grandes dimensões dos autorretratos de Carlos Drummond recebe os convidados. Pedro comentou com Ailton sobre esses desenhos. Segundo ele, o avô jogara muitos deles no lixo. No que eram imediatamente resgatados pelo neto, afinal, eram registros preciosos de uma faceta singular do autor. Dos desenhos, passamos para a letra: a caligrafia de Drummond encanta Krenak na entrada do Memorial, reproduzida pelas paredes de um corredor. **“Que caligrafia mais linda e desafiadora”**. Ambos estão na cidade para participar da terceira edição do Flitabira – Festival Literário de Itabira –, no Centro Histórico da cidade. A visita à biblioteca do Memorial apresenta à Ailton Krenak uma série de volumes especiais, tanto das obras escritas por Drummond, quanto do próprio acervo pessoal do escritor. Enquanto ainda era vivo, Carlos Drummond de Andrade doava regularmente exemplares de livros de seu

acervo pessoal para a Biblioteca Pública de Itabira. Estão ali livros com dedicatórias especialmente escritas por seus autores e autoras para o poeta itabirano, por exemplo. Muitos destes volumes passaram por processos de restauração antes de integrarem as prateleiras do acervo. Verdadeiros tesouros literários. Em um exemplar de “Ariana, a mulher”, de Vinícius de Moraes, lê-se: **“A Carlos Drummond de Andrade, com um reconhecido abraço de simpatia e admiração. Vinícius, novembro, 1936.”**

Entre as prateleiras da biblioteca, Ailton Krenak encontrou um exemplar da mais recente edição de “O sentimento do mundo”, publicado originalmente em 1940. Essa edição é especial ao trazer um posfácio de Krenak, em que o autor relata o encantamento com a descoberta da poética drummondiana. **“Só depois de chegar aos 20 anos é que fui ler a nossa literatura brasileira, e Drummond aparece nesse horizonte como ilha de reconhecimento, possibilidades de identificação com a maneira como o poeta estranha o mundo”**.



Ao longo do passeio, foi possível perceber os muitos pontos de contato entre a obra de Drummond e a obra de Krenak, sobretudo na relação dos dois escritores com a natureza. Carlos Drummond de Andrade leu como nenhum outro as transformações que a paisagem natural de sua cidade natal sofreu, em ritmo acelerado, com o passar dos anos. **"O destino nos deu o presente de sentirmos as montanhas como extensão de nosso corpo, cada um na sua pedra, ferro e aço. Um vale que foi desde muito, muito tempo mesmo, o lar de um povo selvagem, minha aldeia dos antigos botocudos, e sua Itabira."**, declara Krenak também no posfácio de "O sentimento do mundo".

Com a leveza e o bom humor característicos, Ailton Krenak visitou os diversos espaços e instalações que compõem o Memorial. Numa delas, um telefone insistentemente toca, até que alguém o atenda. Do outro lado da linha está o poeta. **"Drummond, como você adivinhou que eu estava**

passando por aqui justo agora", brincou Krenak ao atendê-lo. Durante a visita, Ailton Krenak citou a importância dos festivais literários, como o Flitabira, para **"um país que era considerado, até outro dia, um país de analfabetos"**, destacando a relevância social de se realizarem eventos como esse, tanto nas grandes metrópoles, quanto nas pequenas cidades. **"Eu já pensei, inclusive, em realizar um festival literário na aldeia"**, complementa o escritor. Sobre a temática desta edição do Flitabira, "Arte, literatura e correspondências", que resgata a obra epistolar de Carlos Drummond de Andrade, Krenak comentou: **"Resgatar cartas é resgatar formas e maneiras de sociabilidade que foram abandonadas. A experiência de escrever cartas nos coloca em uma outra experiência do próprio tempo. Nos coloca em contato com uma humanidade que ainda tinha tempo"**. No que ele complementa: **"O prazer de conviver, de trocar e de compartilhar. A carta é isso"**.

Esta manhã de visita ao Memorial Carlos Drummond de Andrade, em companhia de Pedro Drummond e Ailton Krenak, foi um verdadeiro mergulho na história. Tanto aquela de Drummond quanto uma história da própria humanidade. **"Quantos presentes ganhamos aqui hoje. Alguns deles podemos levar em sacolas. Mas o presente de verdade a gente leva na memória"**, concluiu, poeticamente, Ailton Krenak.



Flitabira e acessibilidade: uma parceria valiosa

Festival garante o acesso à cultura além de sua programação rica, adotando medidas de acessibilidade para todos os públicos

Texto de *Letícia Finamore*

Na Constituição Federal, o direito à cultura é garantido a todos os indivíduos, apoiando e incentivando a valorização e a difusão das manifestações culturais. A fim de levar a cultura para a população, o Festival Literário Internacional de Itabira, o Flitabira, assegura-se de que o evento seja inclusivo e com programações que abranjam todos os públicos.

Sendo assim, além de garantir que haja rodas de conversa para o público infantojuvenil e adulto, o Flitabira também garante que a acessibilidade esteja presente em todos os dias do festival. Rampas de acessibilidade, descrição audiovisual de obras de arte, banheiros adaptados, placas indicativas, locais destinados para a colocação de cadeiras de rodas e interpretação de Libras sustentam a premissa de levar a cultura e, mais fortemente, a literatura, para os visitantes do Festival. Mesmo se tratando de propostas para pessoas com deficiências, essas adaptações também beneficiam idosos e gestantes.

Beneficiando quem precisa, todo um conjunto maior é beneficiado – as palestras tornam-se mais ricas, a interação entre os visitantes é incrementada e a promoção cultural permite que a sociedade evolua. O Flitabira muito se orgulha em poder promover um ambiente de inclusão e diversidade desde sua primeira edição.

Indo além, o Festival disponibilizou profissionais treinadas para assistir os visitantes que necessitassem de apoio em razão de mobilidade reduzida, deficiência auditivas, visuais ou de outra natureza.

Além da presença das monitoras para atuar com a audiodescrição, essa forma de acessibilidade também se fez presente na mostra Portinari Negro, exposta na Praça do Areão, e nos vídeos do canal do Flitabira.

Assim como nos anos anteriores, Prêmio de Redação do III Flitabira emociona e inspira a rede de educação da cidade

Texto de *Letícia Finamore*

No sábado da terceira edição do Flitabira, no dia 4/11, ocorreu a entrega do Prêmio de Redação, reconhecendo os melhores desenhos e textos produzidos por estudantes da cidade com base no tema "Arte, Literatura e Correspondências". O objetivo foi instigar o aluno a ler um poema de Carlos Drummond de Andrade, à sua própria escolha, e, em seguida, escrever uma carta dirigida ao Poeta, comentando, respondendo a ele, ou mesmo em diálogo com o poema referido. Neste ano, 22 escolas aderiram à proposta, dentre elas públicas e privadas da Educação Infantil, Ensino Fundamental 1 e 2 e Ensino Médio. No total, cerca de 9 mil e duzentos estudantes estiveram envolvidos e puderam participar do concurso. A comissão julgadora do prêmio foi composta pela diretora de acompanhamento didático e pedagógico da Secretaria de Educação da rede municipal de ensino de Itabira, Edilamar Figueiredo, pela coordenadora de arte da Educação Infantil da Secretaria de Educação da rede municipal de ensino de Itabira, Sandra Beatriz Duarte de Freitas, pela secretária regional de educação de Nova Era, Janucy Rafaela Araújo dos Santos, e pela coordenadora escolar Bruna Carvalho de Britto.

A cerimônia de premiação aconteceu no Palco CDA, e contou com a presença de Afonso Borges, presidente do Festival, juntamente do curador do Flitabira Sérgio Abranches. Também subiram ao palco para homenagear os estudantes os autores Tino Freitas e Conceição Evaristo, o mantenedor da obra de Carlos Drummond de Andrade, Pedro Drummond, o prefeito de Itabira, Marco Antônio Lage, a coordenadora de Arte da Educação Infantil e Curadora da Programação Local do III Flitabira, Sandra Beatriz Duarte de Freitas, e a secretária municipal de Educação, Laura de Souza Silva.

Os vencedores representaram várias escolas da cidade, promovendo a importância da arte, literatura e da obra epistolar de Carlos Drummond de Andrade na educação.



Da esquerda para a direita: Sandra Duarte (curadora local Flitabira), Tino Freitas (escritor, músico), Conceição Evaristo (escritora), Laura Souza (Secretaria Municipal de Educação), Afonso Borges (idealizador Flitabira), Sérgio Abranches (escritor e curador Flitabira), William Silva, Eloá Brandão, Otávio Soares, Marco Antônio Lage (prefeito de Itabira), Júlia Melo, Pedro Drummond (neto de Carlos Drummond), Luiz Leite, João Portinari (filho de Portinari), Maria Fernanda Vaz, Pedro Sena, Asafe Rosa, Ana Carolina, Arthur Zacarias, Glenda Braga, Mateus Meireles, Emanuel Rosa, Luiz Gustavo Silva, Ludmila Martins.

Foram cinco as categorias premiadas: a modalidade desenho abrangeu crianças entre 4 e 5 anos e entre 6 e 8 anos. As demais categorias competiram na modalidade de redação, abrangendo crianças de 9 a 11 anos; 12 a 14 anos; e 15 a 18 anos. Cada uma premiou do 1.º ao 3.º lugar, totalizando 6 desenhos e 9 redações. Confira, a seguir, o nome de todos os ganhadores!

REDAÇÃO

CATEGORIA 1 9 a 11 ANOS

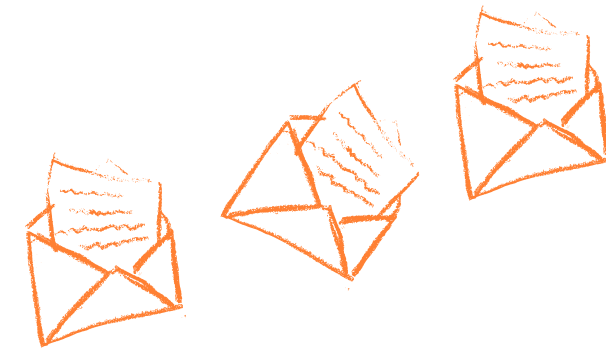
- 1.º - Luiz Gustavo Andrade Silva – EM Antonina Moreira
- 2.º - Ludmila Martins Nunes Ferreira da Silva – EM Filomena Jardim
- 3.º - Emanuel Lucas Cruz Rocha – EM Pedreira do Instituto

CATEGORIA 2 12 a 14 ANOS

- 1.º - Júlia Brandão Melo – Fide
- 2.º - Luiz Gabriel de Sousa Leite – Colégio Tiradentes
- 3.º - Maria Fernanda Vaz Soares – Colégio Nossa Senhora das Dores

CATEGORIA 3 15 a 18 ANOS

- 1.º - William Patrício Silva – Colégio Nossa Senhora das Dores
- 2.º - Eloá Faria Brandão – Fide
- 3.º - Otávio César Gomes Soares – Auge



DESENHO

CATEGORIA 1 4 a 5 ANOS

- 1.º - Asafe Emanuel Rosa Silva – EM Filomena Jardim
- 2.º - Arthur Zacarias Miranda – Colégio Nossa Senhora das Dores
- 3.º - Ana Carolina – Cmei Maria Torres Horta

CATEGORIA 2 6 a 8 ANOS

- 1.º - Pedro José Sena Castro – Fide
- 2.º - Glenda Gabrielly Vitória Braga – EM Antônio Camilo Alvim
- 3.º - Matheus Meireles da Silva – EM Coronel José Batista

Confira nas próximas páginas os desenhos premiados >>>

CATEGORIA 1
4 a 5 ANOS

3.º Lugar - **Ana Carolina** – Cmei Maria Torres Horta



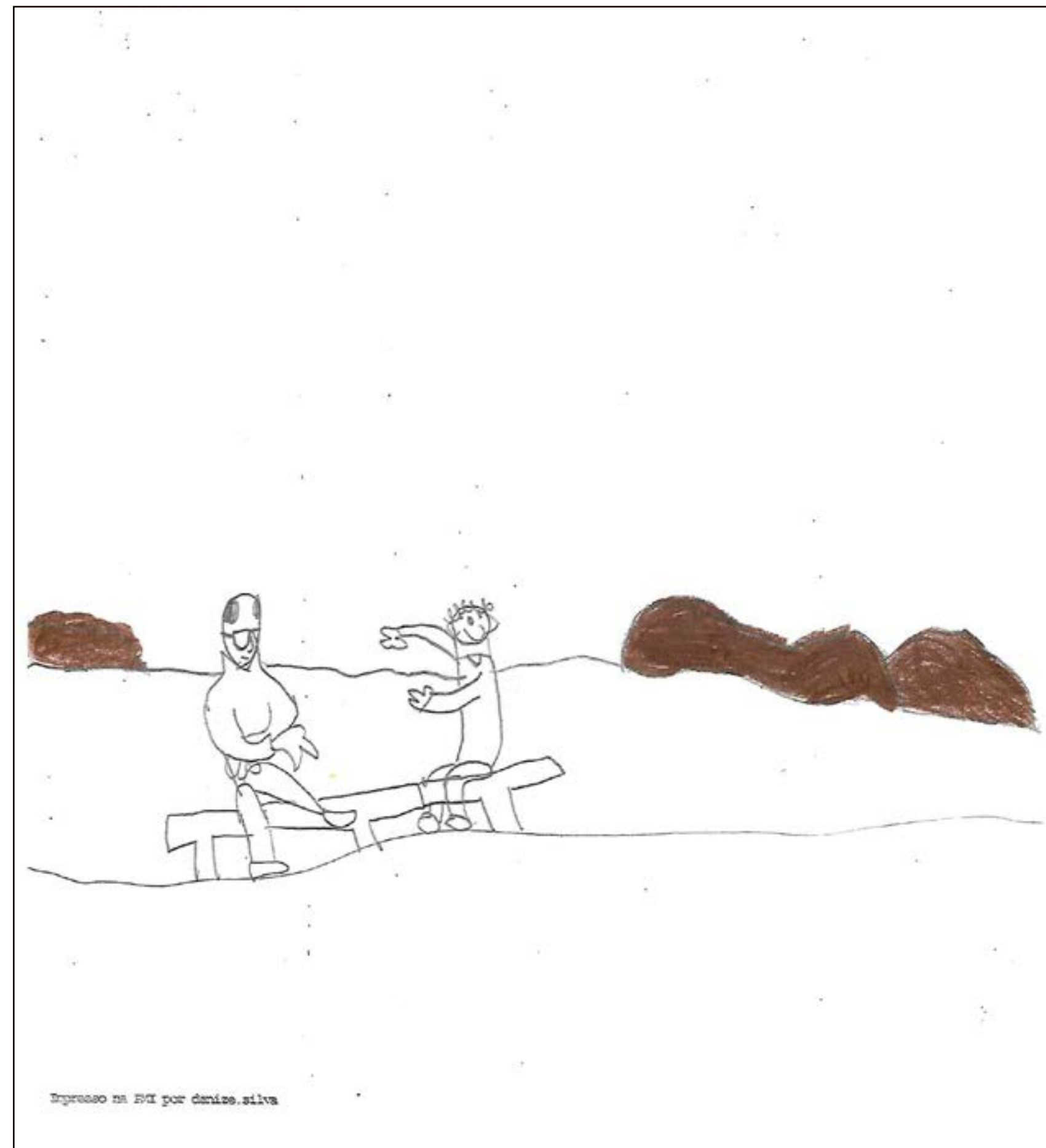
CATEGORIA 1
4 a 5 ANOS

2.º Lugar
**Arthur Zacarias
Miranda**
Colégio Nossa
Senhora das
Dores



CATEGORIA 1
4 a 5 ANOS

1.º Lugar
Asafe Emanuel Rosa Silva
EM Filomena Jardim



Expresso na EMI por danize.silva

CATEGORIA 2
6 a 8 ANOS

3.º Lugar
**Matheus Meireles
da Silva**
EM Coronel
José Batista



CATEGORIA 2
6 a 8 ANOS

2.º Lugar
**Glenda Gabrielly
Vitória Braga**
EM Antônio
Camilo Alvim



CATEGORIA 2
6 a 8 ANOS

1.º Lugar
**Pedro José Sena
Castro**
Fide



Professor Maxsandro Soares faz história no Flitabira ao ter três alunos no pódio na mesma categoria do Prêmio de Redação

Texto de *Leticia Finamore*

Um hat-trick é um triplete: algo que ocorre sucessivamente três vezes, geralmente de modo consecutivo, em algum esporte. Na terceira edição do Flitabira, o professor Maxsandro Soares entrou no espírito do número três e teve seu trabalho reconhecido triplamente. Isso porque, dentre os três vencedores do Prêmio de Redação na categoria 3, que agracia estudantes de 15 a 18 anos, todos eram seus alunos. Sendo assim, Max fez um hat-trick no prêmio.

Essa não foi a primeira vez que um aluno do professor, que leciona há mais de 20 anos, ganhou um prêmio de redação. Max conta que tem gratas lembranças de vários alunos vencedores, inclusive de prêmios em âmbito nacional.

“O mais legal não é o resultado final, não é o ganhar. Se eu pudesse, eu jogaria as cartas para o ar e pegaria uma aleatoriamente. Todas as cartas são excelentes, todos os estudantes são vencedores. Os alunos que subiram ao pódio representam todos os outros alunos que participaram. É fato que comemoro os vencedores, mas também comemoro o resultado de cada aluno desde o momento em que nós estávamos em sala de aula.”

Nascido em São Domingos do Prata e batizado em São José do Goiabal, Maxsandro é cidadão honorário de Itabira, cidade onde o Festival é realizado e em que mora desde os três anos de idade. Antes de ser professor, era bancário. Após se formar em Letras, Max teve um aluno que o marcou profundamente. Como conta o educador, o aluno Abel o fez perceber que, dentro da sala de aula, a relação entre professor e aluno deve ir além dos números. Reconhecer o aluno e incentivá-lo a ser protagonista de suas vidas é uma das missões do professor de Língua Portuguesa, Redação e Literatura (o hat-trick de Maxsandro também está presente dentro de sala de aula com as tríades de matérias que leciona).

O objetivo do Prêmio de Redação do III Flitabira foi instigar o aluno a ler um poema de Carlos Drummond de Andrade, à sua própria escolha,

e, em seguida, escrever uma carta dirigida ao Poeta, comentando, respondendo a ele, ou mesmo em diálogo com o poema referido. Isso porque o tema desta edição do Festival é “Arte, Literatura e Correspondências” e celebra a obra epistolar de Drummond. No total, cerca de 9 mil e duzentos estudantes estiveram envolvidos e puderam participar do concurso.

Às vésperas do Enem, exame que possibilita a entrada de estudantes ao Ensino Superior, o professor três vezes vencedor celebra a possibilidade que o Flitabira proporciona para que os estudantes escrevam seus textos de forma mais pessoal, fugindo do formato dissertativo argumentativo solicitado pelo exame.

Depoimento de William Patrício da Silva, vencedor do Prêmio de Redação na Categoria 3

“Participar do concurso de redação do Flitabira foi uma experiência repleta de sensações, a maioria delas positivas, embora algumas negativas tenham surgido. Por muito tempo, a escrita foi para mim um refúgio, tornando-se minha torre de marfim, mas eu não acreditava plenamente em meu potencial. Foi quando Max propôs que escrevêssemos uma carta endereçada a Drummond que minha criatividade se desencadeou. Comecei a estudar profundamente o autor e a explorar novas formas de expressão, redescobrimo a minha paixão.

Quando Max anunciou que minha redação havia sido escolhida para representar a escola, fui envolvido por um dilema. Questionava-me se meu trabalho era suficientemente bom. Será que eu, um jovem que estudava no CNSD por menos de um ano, graças a uma bolsa, era digno de representar aqueles que haviam frequentado a escola por toda a vida? Em meio a essas incertezas, percebi o quão crucial foi o apoio dos meus amigos e professores. Eles enxergaram em mim um potencial que eu mesmo desconhecia.

Portanto, ao refletir sobre o III Flitabira, uma única palavra vem à mente: gratidão. Sou grato aos meus amigos por suas conversas e ao apoio inestimável dos professores, que são como pais para mim. Agradeço a Deus pela oportunidade de mostrar a todos que um jovem negro, de origens humildes, pode superar obstáculos na vida. Como um professor me lembra diariamente, temos o poder de vencer.

Hoje, este troféu não me pertence. Ele é um tributo aos meus amigos, à minha família, aos meus professores e a todos que acreditaram em mim. Acima de tudo, este Prêmio é para aqueles que duvidam de suas próprias capacidades. Com esta vitória, gostaria de transmitir a seguinte mensagem: não importa de onde você venha ou quem você seja; o que realmente importa é o que você está fazendo hoje para escrever sua própria história e deixar um legado. Mesmo que pareça difícil ou até impossível, não desista de seus sonhos, pois um dia eles se tornarão realidade.

Receber o prêmio das mãos de Conceição Evaristo, uma das minhas maiores inspirações, tornou este momento ainda mais especial. Este é um dia que ficará gravado na minha história.”





Conceição Evaristo visita Quilombo Morro Santo Antônio em Itabira: “Esse cuidado com o outro nos ajuda a sobreviver”

Texto de Gabriel Pinheiro

Na manhã desta quinta-feira, 2 de novembro, a escritora Conceição Evaristo, que integra a programação do Festival Literário Internacional de Itabira – Flitabira –, foi convidada pelo Quilombo Morro Santo Antônio, localizado na divisa entre Itabira e Santa Maria de Itabira, para uma visita à comunidade quilombola. Na chegada da escritora, a declaração de Dona Rosinha, uma das moradoras, deu o tom, de emoção e admiração, deste encontro especial: **“Ao receber você aqui, Conceição, acho que meu coração voltou pro lugar dele”**. Evaristo recebeu no Flitabira o Prêmio Juca Pato de Intelectual do Ano, outorgado pela União Brasileira dos Escritores – UBE –, sábado, dia 4 de novembro, a partir das 21h, após uma mesa ao lado da Ministra do STF Cármen Lúcia. E, na sexta (3), participou de mesa ao lado de Maria Ribeiro e Eliana Alves Cruz, às 21h.

Ouvidos atentos

Conceição Evaristo, conhecida por declarações e discursos marcadamente emocionantes, chegou ao Quilombo Morro Santo Antônio querendo ouvir. A escritora mineira pediu para ouvir as histórias que aquela comunidade guardava, geração após geração. Como uma boa conversa pede, Evaristo escutou muito e também disse muito, numa troca que, certamente, ficará

guardada na memória daqueles que estavam presentes. Conceição destacou, especialmente, a importância da memória das mulheres mais velhas e sobre como aquilo que escuta é fundamental para aquilo o que escreve: **“Na verdade, o escritor é um grande fofoqueiro. Eu sou fofqueira, adoro ficar escutando histórias e depois inventar outras”**.

O presidente da Associação do Quilombola Morro de Santo Antônio, Vinícius Sousa, declarou, no início da conversa, que o ideal do Quilombo hoje é fortalecer o caráter de união da comunidade. **“Nosso grande desafio é fazer as pessoas entenderem o potencial que a gente tem juntos”**.

Devemos nos aquilombar

Conceição Evaristo fez uma emocionante leitura acerca da ideia de “Quilombo”: “Pensar em quilombo não é só pensar naquele quilombo histórico que ficou pra trás, para onde as pessoas fugiam buscando refúgio. Hoje, mais do que nunca, a gente quer ter esse espírito quilombola, esse espírito que vocês têm aqui”. A herança para as

Itabira se encanta com o Festival Literário de Viola Caipira

Texto de Leticia Finamore

A viola caipira é um instrumento que, assim como complementa gêneros musicais diversos, como o rock, o pagode e até mesmo a música clássica, também agrega valor à literatura. É possível traçar paralelos que unem música e palavras: o termo “frase” é usado em ambos os casos, embora tenham significados diferentes. Enquanto na gramática a frase é um conjunto de palavras que apresenta um sentido completo, a frase musical é um conjunto de notas que forma a menor unidade com sentido completo em uma composição. Sendo assim, um conjunto de frases pode tanto resultar em um texto quanto em uma música.

No Flitabira, literatura e música caminham juntas. Nesta edição do Festival Literário Internacional da cidade, ela foi além da programação musical que ilustra os cinco dias do evento. Desta vez, o Festival Literário de Viola Caipira, com curadoria de Marco Lobo, apresentou aulas-espetáculo de quatro dos melhores violeiros do Brasil. Fabrício Conde, Ivan Vilela,

Marcos Assunção e Roberto Corrêa, além de músicos, também são escritores. Sendo assim, a relação entre música e literatura fica ainda mais estreita e onipresente no III Flitabira.

Cada violeiro teve liberdade para escolher o caminho que gostaria de seguir em sua palestra, o que rendeu reflexões sobre a história do instrumento, os tipos de viola existentes, a arte da composição caipira e sua relação com a natureza. Em cada aula-espetáculo, bem como as informações transmitidas no que diz respeito às aulas, os músicos apresentaram seus talentos com o instrumento, refletindo, assim, a parte que compõe a segunda parte do termo cunhado para designar os nomes das atividades promovidas pelo Festival Literário de Viola Caipira. Indo além de suas performances nas aulas-espetáculos, os músicos também se apresentaram todos os dias, às 20 horas, no Coreto Maria Julieta, que leva o nome da filha de Drummond.

futuras gerações também foi destacada pela escritora: **“Esse espírito quilombola tem que ser passado para as crianças. Esse cuidado com o outro, isso também nos ajuda a sobreviver”**.

A ancestralidade esteve presente na fala da autora por diversos momentos, conectando sua própria experiência com aquela compartilhada por toda a comunidade presente: **“Existe algo de ancestralidade que está em nós e a gente nem percebe. O próprio modo de viver tradicionalmente nas aldeias africanas: ali a vida é coletiva, compartilhada. Nós, negros, aqui no Brasil, também temos muito disso. Apesar do que a história nos fez, apesar do que a escravização fez com a gente, nós ainda temos a capacidade de cuidar um do outro. Essa práxis quilombola existe e muitas vezes a gente nem percebe”**.

Na sequência, diferentes mulheres integrantes do Quilombo Morro Santo Antônio tomaram a palavra, reconstruindo as muitas histórias que constituem aquela comunidade. Foi o caso de Vera, criada numa casa com mais dez irmãos. No lar, a união era a regra, conselho plantado e cultivado diariamente pelos pais. **“Uma sociedade tem de continuar unida para vencer os obstáculos”**. Dona Rosinha compartilhou sua história desde a infância, enquanto ainda morava em Belo Horizonte, no bairro Concórdia. “Naquela época, a gente só pensava em comer, porque não tinha comida”. Ao vir para Itabira, ela declarou nunca ter ido dormir um dia sequer pensando “Hoje eu estou com fome”.

Uma escritora no Quilombo Morro Santo Antônio

Rosinha ainda compartilhou com Conceição Evaristo e os demais presentes um tesouro. Apaixonada pela escrita, ela escreveu cartas e diários ao longo de décadas. Evaristo destacou a necessidade que os escritos de Rosinha, e tudo aquilo que eles guardam, de ganhar o mundo no formato de um livro. **“Eu me comprometo aqui a escrever o prefácio do seu primeiro livro”**. Num momento de muita emoção, a mulher leu uma de suas cartas, datada da década de 1970. O papel dobrado e frágil, amarelado pelo tempo, guardava palavras dedicadas. Dona Rosinha começava a carta se intitulando “A derrotada”. Mas, no fim, uma surpresa: finaliza a missiva com a assinatura “A vencedora”.

No encontro com as histórias daquelas mulheres, Margot Abrahão, assessora de Conceição Evaristo, destacou: **“As histórias que ouvi aqui se entrecruzam com as histórias da minha família”**. Já a escritora, Promotora de Justiça do Ministério Público da Bahia e uma das 100 pessoas de descendência africana mais influentes no mundo, mais uma convidada do Flitabira, Lívia Sant’Anna Vaz, declarou: **“Estar aqui, ouvindo essas mulheres negras, é, para mim, um processo de cura”**. Num arremate emocionante, ela completou: **“Não existe democracia possível neste país que não passe pelas mãos das mulheres negras”**. Também presente no encontro, Fabiano dos Santos Piúba, Secretário de Formação, Livro e Leitura do Ministério da Cultura, celebrou sua vinda para Itabira, a convite do Flitabira, mandando os cumprimentos da Ministra Margareth Menezes. Ele também citou a filosofia sul-africana Ubuntu: **“Eu sou porque nós somos.”**

Uma história que une pela dor e pela resistência

Numa manhã repleta de momentos marcantes, Conceição Evaristo relembrou a dor de viver numa sociedade fundamentalmente racista. **“A gente tem uma história que nos une pela dor, mas que também nos une pela resistência. A dor nos aniquila. Mas a gente encontra maneiras de vencê-la”**. Ao falar sobre ações afirmativas, ela foi firme: **“Qualquer política pública afirmativa não está nos privilegiando. Isso não é uma esmola. Nós construímos esse país. É o pobre que faz o Brasil andar. É nosso direito”**.

Retomando a discussão acerca da ancestralidade, Conceição ainda concluiu: **“A cada pessoa negra que se liberta hoje, nós também estamos libertando nossos antepassados”**. Essa libertação pode vir, inclusive, através da literatura, como percebemos na história de Conceição Evaristo, de outras autoras convidadas do Flitabira e também da, torcemos, futura autora publicada, Dona Rosinha, do Quilombo Morro Santo Antônio: **“Nós temos que nos apossar da escrita”**.



Mostra “Portinari Negro” integrou programação do III Flitabira

A exposição “Portinari Negro”, sucesso de público e repercussão na cidade mineira de Paracatu, esteve em cartaz em Itabira, entre os dias 15 de setembro e 6 de novembro, compondo a programação da terceira edição do Festival Literário Internacional da cidade. Programação da terceira edição do Festival Literário Internacional de Itabira, o Flitabira, a exposição “Portinari Negro” reuniu 42 reproduções das obras do artista que, em sua época, capturou a realidade de parcela significativa da população negra no Brasil. As obras ficaram dispostas em estruturas com dois a três metros de altura, que deram a sensação de um verdadeiro museu a céu aberto.

Para concretizar a exposição, as obras originais foram reproduzidas em lonas impressas, utilizando os arquivos fornecidos pelo Projeto Portinari. O Projeto, com 44 anos de história, tem como missão preservar o acervo e a memória da vida e obra do pintor brasileiro Candido Portinari. Além

de servir como fonte de pesquisa para estudantes e pesquisadores, o Projeto Portinari busca democratizar o acesso ao rico legado pictórico, ético e humanista deixado por Portinari, disponibilizando-o não apenas para especialistas, mas para o público em geral.

Entre os destaques da exposição estavam pinturas como “Retirantes” e “Cana-de-Açúcar”, que mostram a dura vida dos trabalhadores rurais, muitos deles negros, que foram explorados durante séculos no País, mas que nessas obras expressam dignidade, força e esperança. Além de obras que retratam a cultura afro-brasileira, como “Samba” e “Festa de São João”, também integraram obras que abordam questões mais profundas do racismo estrutural, como o caso de “Café”, de 1935. Também chamam a atenção as dezenas de mulheres negras representadas por Portinari, em que, na maior parte das obras, eram retratadas como esteio e força familiar, e também as crianças, retratadas com amor e poesia.



Ailton Krenak, imortal da ABL:

“Estou muito à vontade na casa fundada por um não branco”

Texto de Gabriel Pinheiro

Ilustre convidado da terceira edição do Festival Literário Internacional de Itabira – Flitabira –, o escritor e líder indígena Ailton Krenak é uma das principais figuras no pensamento brasileiro contemporâneo. O autor dos livros “Ideias para adiar o fim do mundo”, “A vida não é útil” e, mais recentemente, “Futuro ancestral”, conversou com o Flitabira sobre a sua eleição para a Academia Brasileira de Letras e a urgência da necessidade de mudanças na relação do homem com a natureza.

Ailton Krenak, imortal da Academia Brasileira de Letras. Como você se sente com esse título? A presença de um indígena na ABL é parte de um processo maior da presença indígena em diferentes esferas? Nas universidades, na política, no Ministério dos Povos Indígenas...

“Parece que o Brasil está finalmente entendendo um contexto de mudança mais amplo. O Brasil está começando a reparar o grave erro histórico de ter se desenvolvido com essa ideia da branquitude de que as instituições devem ser brancas. No nosso judiciário, no nosso parlamento, por exemplo. Essas instituições foram ocupadas pelos brancos como se essas fossem as únicas pessoas que pensassem neste País. Ao lado dos indígenas, muitos outros ficaram de fora dessas instituições.

A Rachel de Queiroz, uma mulher, só entrou na Academia Brasileira de Letras quando a instituição já completava 87 anos. Lá só tinham homens que, obviamente, eram brancos. Entrou a Rachel e, tempos depois, mais duas ou três mulheres, e a Academia deixou de ser um clube do bolinha. Quando Gilberto Gil foi eleito, foi um acontecimento, uma novidade. Essa esquizofrenia histórica que nos constitui enquanto nacionalidade contraria muito a ideia de que a arte configura um espelho do país, de uma nação, quando essa arte tem apenas uma cor.

A minha presença na Academia Brasileira de Letras é um primeiro gesto de reparação de uma instituição relevante, afinal de contas é a nossa Academia Brasileira de Letras, fundada por Machado de Assis. Por falar em embranquecimento, o próprio Machado sofreu um rápido processo de embranquecimento nas décadas de 1920, 1930, 1940 e por aí em diante. Ele só voltou a ser percebido agora como um homem que, nos dias de hoje, seria considerado preto. Então, eu estou muito à vontade na casa que foi fundada por um não branco.”

Em seu último livro, “Futuro ancestral”, você diz que o futuro é uma ilusão. Que, em vez de nos preocuparmos em inventar futuros, deveríamos inventar novos mundos. Hoje, você está mais ou menos otimista com a possibilidade de construção de novos mundos?

“No livro questiono essa ideia de imaginar uma coisa prospectiva no tempo, essa história de imaginar o presente ou o futuro. Não penso em produzir outros presentes ou futuros. O presente que a gente tem é esse aqui, seja bom, seja ruim. O que enuncio é a



possibilidade de criar outros mundos. Por exemplo, estamos vivendo aqui em Itabira uma experiência real da exaustão de um modo de economia que existiu até hoje e que cada vez mais está deixando a população, digamos, sem um horizonte. Com a perspectiva dessa atividade econômica que bombou durante quase cem anos se encerrar, as pessoas precisam inventar alguma coisa para fazer, alguma coisa para seguir em frente. Isso é criar um outro mundo. Criar um novo mundo para as pessoas que vivem aqui.”

O rio é uma imagem forte para pensarmos a memória, a passagem do tempo, não é mesmo? Em “Futuro ancestral” você vê nas águas do rio que corre a certeza de que o Futuro é ancestral... afinal, elas já estavam aqui antes da gente e seguem, ou melhor, resistem, apesar de tudo... É um erro da humanidade seguir pensando na natureza como algo separado do humano?

“Essa ideia dos humanos separados da natureza é uma ideia moderna, ela surge com a modernidade. Essa separação não existe e ela é o nosso adoecimento. Quanto mais longe da Terra, mais doente ficamos. Restabelecer a saúde da terra e dos seus organismos, o que nos inclui, seria sair dessa ideia antropocêntrica que separa o humano e a Terra. Passaríamos a pertencer.

É como aquela canção de Gilberto Gil que diz ‘Nós também somos do mato como o pato e o leão. Aguardaremos, brincaremos no regato. Até que nos tragam frutos teu amor, teu coração’. Olha, a gente poderia estar na natureza como pato, como tigre ou como leão. Mas a gente prefere estar como humanos. E os humanos são realmente um desastre. Quanto mais nos distanciamos dessa ideia de humanos, mais longe ficamos da nossa mãe Terra. Mais órfãos ficamos.”



Sobre o Flitabira, por Pedro Drummond

Tive a sorte de estar e de poder participar, mesmo que modestamente, nas três edições do Flitabira. Desde a realização do primeiro em 2021, durante a pandemia, até o terceiro concluído recentemente, o Festival Literário Internacional de Itabira afirmou-se como um dos maiores e mais importantes eventos culturais do País.

Não se trata apenas de um evento expositor de grandes talentos literários e artísticos, mas também de um celeiro para novas ideias e novas criações. O intercâmbio entre os participantes e o público estimula a criatividade e resulta concretamente em novas realizações.

Começando pelas crianças que frequentam as escolas até os adultos e idosos que procuram satisfazer suas inquietações literárias, o Flitabira oferece ao público inúmeras oportunidades de enriquecimento intelectual. O constante estímulo à leitura; a variedade de temas abordados; as

análises de nossa realidade sob os mais diversos pontos de vista; a permanente homenagem a Carlos Drummond de Andrade, cuja obra é tratada como guia e fio condutor; a participação de importantes personalidades atuantes em várias áreas do universo literário, artístico, político e cultural do Brasil e do exterior, são marcas registradas do Festival que garantem ao público a possibilidade de ampliar seus próprios horizontes.

O querido Afonso Borges e seu grande time multimídia composto por profissionais dedicados à produção do Festival trabalham motivados por um princípio sempre renovador: o amor aos livros. O Flitabira é educação, é poesia, é alegria de viver!

Pedro Augusto Graña Drummond
Rio de Janeiro, 8 de novembro de 2023.



“Flitabira: uma flor nasceu na rua, rompeu o asfalto”, por Kakay

“Um menino chora na noite, atrás da parede, atrás da rua, longe um menino chora, em outra cidade talvez, talvez em outro mundo.”
Drummond, poema “Menino chorando na noite”

Em um momento denso e doloroso, com as bombas em Gaza matando, indistinta e covardemente, crianças, mulheres, idosos, jornalistas e médicos, a crueza da guerra provocou certo colapso em boa parte das pessoas que teimam em trazer dentro delas algum vestígio de humanidade. É muito difícil acompanhar esse verdadeiro massacre sabendo que, infelizmente, nada podemos fazer de efetivo para o cessar-fogo.

A ordem de destruição já foi dada e não há nenhum organismo internacional, ou país, que tenha força e credibilidade para se impor. Nem sequer corredores humanitários, ou a retirada de civis da área do genocídio, ou mesmo uma trégua nos bombardeios para tentar a diminuição da matança desenfreada; nada, absolutamente nada, parece falar aos corações dos senhores da guerra. Ódio. Vingança. Poder. Dinheiro.

Reconheço que, em época de mídia 24 horas, as imagens, especialmente as de crianças dilaceradas e mortas em valas comuns, causam uma desestrutura emocional que abala nossa confiança na humanidade. Se eu, que estou em casa e posso desligar a TV quando acho que o barulho dos mísseis já passou dos limites, sinto esse desconforto, imagine a mãe ou o pai que estão com os filhos já sem vida nos braços ou soterrados. Sem contar a fome, a falta de água e a ausência de assistência médica e humanitária.

Pense nos efeitos deletérios eternos nessas crianças que estão vendo a morte ser banalizada, mas que têm de se esconder das bombas reais que caem como aquela chuva de prata dos fogos de artifício no réveillon de Copacabana. Só que, lá em Gaza, os brilhos dos mísseis que iluminam a noite significam um encontro com a dor, com a destruição e com a morte quando o clarão toca o chão.

De tanto acompanhar essa tragédia ao vivo, ainda que pela TV e pelos grupos de Whatsapp, sinto um profundo incômodo com a imobilidade covarde que parece nos manter reféns da perplexidade e da completa inoperância. Como se não bastasse a ausência de qualquer ação, ainda resolvi fugir. Saí do mundo do dia a dia insano, onde as notícias parecem

correr atrás de nós, e refugiei-me no Festival Literário de Itabira.

“Arte, Literatura e Correspondências” em homenagem aos 121 anos de nascimento do itabirano Carlos Drummond de Andrade. De quebra, o festival foi palco da entrega do troféu Juca Pato para a maravilhosa Conceição Evaristo. Sob a batuta do mágico Afonso Borges, dividimos palcos com grandes escritores, poetas, violeiros e sonhadores iluministas. Permitimo-nos mergulhar nas conversas digitalizadas de Drummond com o maior artista brasileiro, Cândido Portinari, que também era um grande poeta. A tecnologia e a inteligência humana conseguiram fazer Drummond conversar com Portinari, mas não conseguem um diálogo para colocar um fim na guerra.

O clima de emoção e de cumplicidade, que nos acolheu a todos nesses intensos dias, parecia vir além do sentimento do mundo que era compartilhado e da paixão pela literatura que nos unia. Era tal a alegria que contagiava e abraçava a todos, que pude sentir como se uma nuvem densa nos embalasse, protegesse-nos e nos acariciasse. Uma poesia solta no ar, quase palpável, e sorrisos incontidos, como se lá fora não houvesse guerra.

Dançamos todos no ritmo cadenciado, sensual e irresistível de Eliana Alves, Lívia Sant’Anna Vaz e Conceição Evaristo. E, ainda, embalamos no Festival de Viola Caipira. Por alguns dias, não escutei o barulho das bombas e vivenciei uma resistência poética. Foi lá que Krenak sentenciou que o planeta Terra é nosso domicílio e que Jeferson Tenório debateu o exílio e a escravidão.

Talvez, a tristeza e a dor, nossas companheiras nos últimos tempos, tenham sido o tempero para tanta emoção e acolhimento. Saio de Itabira revigorado e levando comigo cada momento de puro carinho, até de amor mesmo, para fortalecer o enfrentamento da barbárie. E com profunda perplexidade e tristeza por não entender como é possível viver a magia de um festival literário, como o de Itabira, enquanto tanta gente se dedica ao culto da morte.

A poesia, a literatura, a arte, a música e a amizade continuam sendo nosso último refúgio. Ainda com Drummond, no poema Canção de Berço:

“Também a vida é sem importância.
Os homens não me repetem nem eu me prolongo até eles. A vida é tênue, tênue.
O grito mais alto ainda é suspiro,
os oceanos calaram-se há muito.”

Antônio Carlos de Almeida Castro, Kakay

Danilo Santos de Miranda

24 de abril de 1943 *
29 de outubro de 2023 †

Danilo Miranda no Fliaraxá

Há homens que lutam um dia, e são bons;

Há outros que lutam um ano, e são melhores;

Há aqueles que lutam muitos anos, e são muito bons;

Porém há os que lutam toda a vida

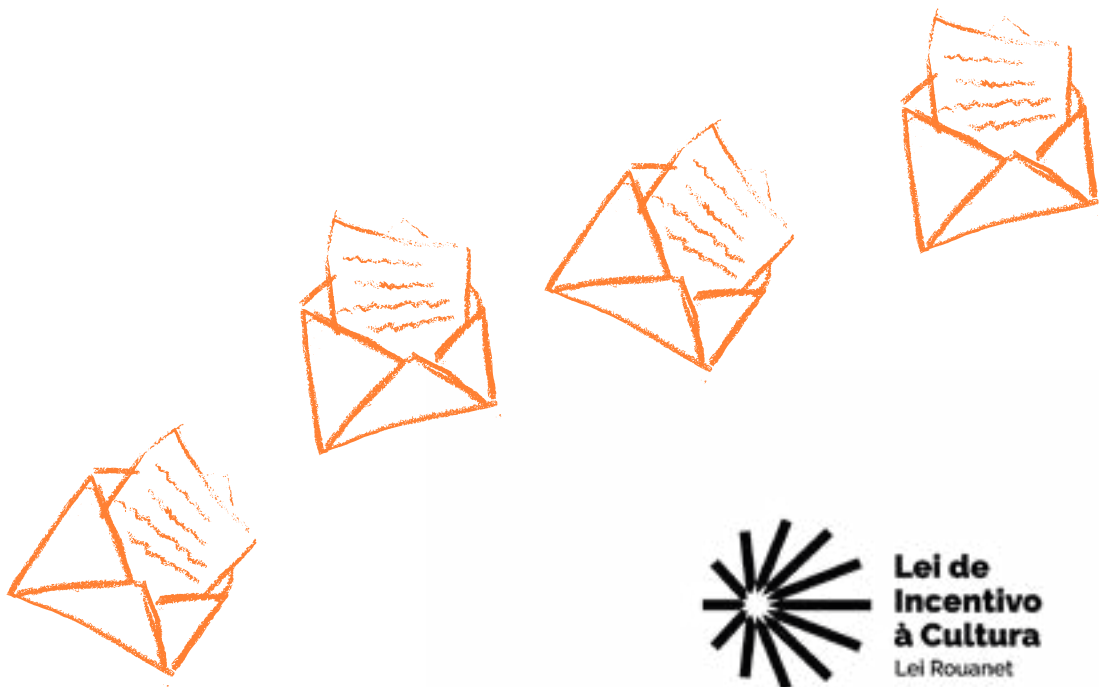
Estes são os imprescindíveis

Bertolt Brecht

Lúcio Vaz Sampaio

13 de dezembro de 1953
11 de novembro de 2023

*
†



PATROCÍNIO



PARCERIA



APOIO



REALIZAÇÃO

